

Encontro que reuniu lideranças da Agência Nacional de Saúde (ANS), Institute for Healthcare Improvement (IHI) e Hospital Israelita Albert Einstein para conhecer processos, soluções e metodologias de trabalho do Hospital Sofia Feldman servirá na elaboração de ação propositiva para reduzir índices de cesariana em 25 maternidades privadas e três do SUS

Por Valéria Mendes

Depois de o Ministério da Saúde e a Agência Nacional de Saúde (ANS) anunciar as medidas para redução de cesariana na rede privada, como o uso partograma - relatório médico detalhado sobre a evolução do trabalho de parto e vinculá-lo ao pagamento do profissional -, além da obrigatoriedade de as operadoras de saúde em informarem percentuais de cesáreas e partos normais de hospitais e médicos, muita gente tem se perguntado se, na prática, as novas regras darão conta de pôr fim à epidemia que coloca o Brasil como campeão mundial de cesarianas: na rede particular, 84% dos bebês nascem pelo procedimento cirúrgico e, para citar apenas uma das consequências graves, assistimos ao aumento do índice de prematuridade.

O caminho ou a ‘inspiração’ para mudar a forma como se nasce no país pode estar em um hospital público de Belo Horizonte, o Sofia Feldman, que, nas palavras do médico especialista em segurança do paciente e melhoria da qualidade em saúde e consultor da Unimed Brasil e Unimed Fesp, Paulo Borem “é um hospital de excelência na área de parto humanizado e, apesar dos poucos recursos que recebe, produz muitas inovações nessa área, é um modelo a ser seguido e reconhecido no mundo todo”.

Borem é também representante no Brasil do Institute for Healthcare Improvement (IHI), organização norte-americana sem fins lucrativos, com sede em Boston, que atua no mundo inteiro para promover a qualidade e a segurança do paciente nos sistemas de saúde de diversos países, e visitou o Sofia Feldman nesta terça-feira (27/01) junto com representantes da Agência Nacional de Saúde (ANS), do Hospital Israelita Albert Einstein e da Comissão Perinatal Secretaria Municipal de Saúde de BH.

O objetivo do encontro foi conhecer processos, soluções e metodologias de trabalho do hospital da capital mineira para elaborar uma ação propositiva de redução dos índices de cesariana em 25 maternidades privadas do Brasil e três do Sistema Único de Saúde (SUS). “Viemos atrás de estratégias que dão certo para aprender e adaptar”, afirma a gerente executiva de aprimoramento entre prestadoras de serviços e operadoras da ANS, Jacqueline Torres. O Sofia Feldman tem uma das menores taxas de cesariana do país: 24,7%.

Segundo ela, a reunião faz parte de um acordo de cooperação assinado pelo ANS e o IHI para desenvolver um trabalho piloto no Hospital Israelita Albert Einstein e aprender o que funciona e o que não funciona nas estratégias para redução dos índices de cesariana dentro da perspectiva de pensar o sistema de saúde de forma unificada, sem a divisão de público e privado, para uma melhor assistência à mulher e ao bebê.

A ANS está finalizando os critérios de seleção das maternidades que quiserem participar voluntariamente do projeto. “Em fevereiro vamos apresentar ao público a metodologia proposta pelo IHI e o que o hospital precisa para participar”, explica. Caso a procura seja maior que o número de vagas disponíveis, a ideia inicial é que “cada capital do Sul e Sudeste tenha uma vaga, algumas capitais do Norte, Nordeste e Centro Oeste, cidades do interior e também queremos mesclar hospitais que são 100% privados com os que adotam o modelo misto e atendem também pelo SUS”, explica Jacqueline Torres.

## **Entenda a metodologia do IHI**

Chamada ‘ciência da melhoria’, a metodologia do IHI será utilizada no Brasil para reduzir o percentual de cesáreas e melhorar a qualidade de assistência ao parto. Como consultor da Unimed no Brasil, Paulo Borem já desenvolveu, junto à operadora de saúde em parceria com o IHI, um projeto que conseguiu, por exemplo, reduzir de 99,3% para 50%, entre 2012 e 2013, o índice de cesarianas na Unimed de Jaboticabal, em São Paulo. Unidades da Unimed de Itapetininga (SP), Americana (SP) e Belo Horizonte (MG) também integram o programa, mas os dados, segundo o especialista do IHI, ainda não estão consolidados em razão da fase do projeto em cada unidade. Mas uma excelente notícia não pode passar em branco: em todas essas maternidades que aplicaram a metodologia aconteceu a redução de 60% no número de internações em UTI neonatal. “Comprovamos que o excesso de cesarianas estava provocando iatrogenia”, pontua Borem. Prematuridade iatrogênica é quando o bebê não está pronto para nascer.

Entre as medidas adotadas, as principais foram: proibição da marcação de cesariana antes de 39 semanas e sem entrar em trabalho de parto, os médicos passaram a ser remunerados por plantão e não, por parto, e a enfermeira obstétrica passou a integrar a equipe de profissionais que acompanham a gestante. “O papel da enfermeira obstétrica é importantíssimo porque tira o foco da questão do nascer do médico e passa a ser da equipe. Se eu pudesse resumir as estratégias, citaria três grandes pilares: educar a comunidade, pacientes e profissionais para o novo modelo de assistência ao parto; redesenhar o processo de cuidado da gestante, ou seja, o médico que faz o pré-natal não é o mesmo que fará o parto e, por fim, a mudança de modelo de remuneração - ao invés de por evento, por plantão”, explica o representante do IHI no Brasil.

É importante ressaltar que as medidas propostas pelo IHI para as unidades da Unimed não serão necessariamente replicadas às maternidades que integrarão o projeto da ANS. Paulo Borem ressalta que os hospitais que participarão do projeto terão algumas metas individuais de promoção de melhorias contínuas e uma meta coletiva.

**Fonte:** [Saúde Plena](#), em 28.01.2015.23